



PÓS

MULHER

corpo, gênero e sedução

Fábio Lopes Alves


PUCPRESS



PÓS

MULHER

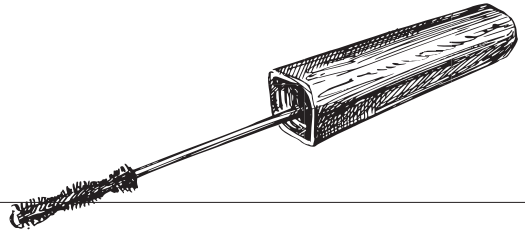
corpo, gênero e sedução

Fábio Lopes Alves


PUCPRESS

Curitiba | 2018

Sumário



9 Prefácio

13 Introdução

CAPÍTULO I

33 **Noite: o laboratório sociocultural da mulher contemporânea**

34 O corpo feminino: produção nos turnos diurno e noturno

39 O corpo feminino entre sedução e coquetismo

47 O corpo feminino e a perspectiva de gênero

CAPÍTULO II

55 **Produção corporal feminina, senso comum e ciência pós-moderna**

57 Ruptura com a ruptura

65 Ciência pós-moderna

75 Fenomenologia formista

CAPÍTULO III

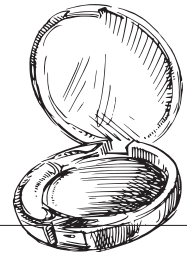
91 **O declínio da mulher e a ascensão da pós-mulher: corpo, mídia e sedução**

92 A pós-mulher

115 A pós-mulher e seu potencial emancipatório diante da atuação midiática

130	O corpo como patrimônio e os investimentos da pós-mulher em capital corporal
134	Pós-mulher e sedução: quando o guia é, na verdade, o guiado
157	Considerações finais
163	Posfácio
169	Referências

Prefácio



Carlos A. Gadea¹

É COM INQUESTIONÁVEL lucidez que Fábio Lopes Alves analisa a passagem do significado contemporâneo de mulher para o de pós-mulher, inserindo-se, com talento, no movediço debate sociológico atual em torno ao prefixo pós. O pós vem representar um gesto analítico e teórico, estético e político, que contempla uma multiplicidade de âmbitos e tensões próprios do pensamento social contemporâneo e das mudanças socioculturais atuais. Nesse sentido, pós-estruturalismo, pós-modernidade, pós-vanguarda, pós-industrialismo, pós-autoria, pós-colonialidade, pós-história e, nesse caso, pós-mulher, apresentam-se como “espaços reflexivos” que têm em comum a tentativa de desconstruir, deslocar e transgredir as presumivelmente sólidas categorizações que têm girado em torno ao caráter das transformações socioculturais dos últimos tempos e às mudanças na

1. Pós-doutor em Sociologia pela University of Miami, coordenador do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

abordagem da análise do social. Trata-se, em definitivo, e em primeiro lugar, de subverter a dinâmica dualista ou dicotômica da episteme moderna, de um gesto crítico ao “marco binário” (homem–mulher, por exemplo) de ordenamento do mundo, já que sob essa dinâmica o etnocentrismo encontra seu lócus de legitimação.

Logo, o prefixo pós, a exemplo do que se entende por pós-mulher nas análises do autor, parece sugerir a “superação” de um determinado estatuto epistêmico, à medida que a mulher não se apresenta, empiricamente, em toda a sua expressão no nosso presente. Mas, trata-se de uma “superação” que não necessariamente anula os termos que lhe antecederam. Assim, o pós, nesse sentido, é sinônimo de simultaneidade e convivência, em que a mulher, como projeto e exemplo sintomático, não desaparece como condição, senão que reaparece carregando suas contradições e ilusões.

Conheci o autor há quatro anos, quando iniciava seu mestrado em Ciências Sociais na Unisinos. Sensível aos temas da atualidade, ciente da importância de possuir arcabouço teórico para a análise da sociedade e talentoso como pesquisador detalhista dos movimentos do social, ele rapidamente despontou como pesquisador fino e disciplinado, invadido de um sentimento por dar continuidade aos estudos sobre o corpo e o feminino, a mulher contemporânea, a estética e a construção social da realidade. Mas, foi em seu ingresso no doutorado quando Fábio finalmente demonstraria mais fielmente sua capacidade como pesquisador: assumiu seu compromisso com a teoria social e redefiniu seu campo de análise. Nesse impasse de dupla face, teoria e empiria se nutriam de um artesão do social, capaz de outorgar sentido a um debate praticamente inexplorado nos estudos sobre gênero, feminismo e corporeidade.

Neste livro, o leitor encontrará uma leitura agradável, clara e firme, convincente e capaz de gerar uma infinidade de questionamentos. Disto se trata: gerar no leitor a possibilidade da dúvida, da reflexão e da crítica, em tempos em que muitos debates sociais e culturais carecem do sentido da crítica e da coragem. O autor, nisso, foi bastante corajoso. Conseguiu fazer dialogar Georg Simmel, e seus estudos sobre o feminino, com as sociabilidades de Jean Baudrillard, Michel Maffesoli e a extensa lista de autores dos denominados estudos culturais e pós-coloniais. De cada um extraiu aquilo que lhe possibilitasse chegar à sua tese: com base numa crítica aos essencialismos

filosóficos, dá sequência a observações sobre as mudanças na mulher contemporânea quando é atravessada pelas categorias corpo, sedução, noite e construção da identidade. Felizmente, não caiu na armadilha dos determinismos econômicos ou de atribuir à mídia o potencial de engolidor do *self* e da autonomia do sujeito. Como resultado, o livro navega com suave estilo no caminho de uma contemporaneidade feminina que se reinventa e recria à luz dos discursos de muitas mulheres entrevistadas. Observando e conversando, entrevistando e refletindo, Fábio consegue seu propósito: descrever essa pós-mulher que emerge soberana e calada, sob os silêncios que só pesquisadores como ele conseguem escutar. Como orientador deste seu trabalho, manifesto minha suspeita em sugerir sua leitura atenta e crítica, desprendendo-se dos preconceitos, dos maniqueísmos e das receitas fáceis sobre a realidade em que vivemos.

Introdução



AO PROBLEMATIZARMOS a produção corporal feminina para sair à noite, para uma *balada*, relacionando-a com as discussões sobre corpo, gênero e pós-modernidade, pelas vias desbravadas por Georg Simmel, Michel Maffesoli, Jean Baudrillard, Alain Touraine e Gilles Lipovetsky, argumentamos que o atual debate de gênero nos conduz ao reconhecimento da existência da pós-mulher². Essa noção se torna relevante no cenário socioantropológico, tendo em vista seu potencial descritivo sobre as maneiras pelas quais as mulheres estão vivenciando a feminilidade na contemporaneidade. A expressão, conforme veremos ao longo deste livro, refere-se a uma transformação cultural que está ocorrendo no “mundo das mulheres” (TOURAINÉ, 2007), graças a um processo de saturação de outro aspecto cultural — a hegemonia masculina. Se o estado atual é o da explosão da modernidade, da liberação em todos os domínios (BAUDRILLARD, 1990), a partir dessa perspectiva a pós-mulher designa o momento explosivo da mulher, o da liberação e libertação das forças que há algum tempo vêm oprimindo o feminino.

2. Esta pesquisa foi apresentada originalmente como tese de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. Para publicação deste livro foram feitas algumas modificações.

Vale ressaltar que não argumentamos que a mulher deixou de existir, mas, antes, reconhecemos que, diante dos avanços do feminino, assistimos ao surgimento de outra mulher: a pós-mulher. Como bem ressaltou Maffesoli (1987, 1998, 2001, 2005, 2006, 2010a, b, 2011a, b, 2012), o uso do prefixo pós não quer decretar o fim, o encerramento, mas o início de uma nova fase. Afinal, “nada mais (nem mesmo Deus) desaparece pelo fim ou pela morte, mas por proliferação, contaminação, saturação e transparência” (BAUDRILLARD, 1990, p. 10).

A existência da pós-mulher foi identificada à medida que este estudo teve como objetivo compreender quem é essa mulher contemporânea que se apresenta na noite, e quais são alguns dos sentidos atribuídos ao fenômeno da produção corporal feminina quando ela sai à noite. Isso porque o corpo, além de ser o fundamento de qualquer prática social, no cruzamento de todas as culturas, neste trabalho, constitui importante observatório social do imaginário (LE BRETON, 2010). Para responder a essa problemática, além de observações em campo, entrevistamos quatro mulheres jovens que assumem se produzir para ir à *balada*, a partir dos pressupostos da fenomenologia formista (MAFFESOLI, 1998).

O ponto em comum entre as quatro mulheres é que todas assumem produzir o corpo quando vão a uma festa; tomam a noite como categoria espacial e, não apenas, como categoria temporal; consideram-se mulheres bonitas, jovens, possuem orientação heterossexual e pertencem ao círculo de relacionamento pessoal do autor.

Observamos, dentre o rol de mulheres conhecidas, quais tinham por hábito se produzir e frequentar a noite. Identificamos quatro mulheres, explicamos a intenção da pesquisa e as convidamos para serem partícipes por meio de entrevistas. Elas aceitaram o convite. As entrevistas com Anita, Diana e Carol foram realizadas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, na sala do grupo de pesquisa³ do qual participamos. Somente a conversa com Rafaela, a seu pedido, foi realizada em sua residência.

Nenhuma delas me questionou como seria a entrevista, o tempo de duração, quantos encontros seriam necessários, tampouco onde

3. IMAGINAR: Grupo de Pesquisas em Imaginário, Educação e Formação de Professores, cadastrado no CNPq.

seriam realizados. Conforme demonstra Chaves (2004, p. 136), se, por um lado, silêncios como esses nos levam a pensar em certa falta de interesse pelo trabalho do pesquisador, por outro, posturas como essa também indicam sinal de confiança diante dele, bem como o desejo de colaborar com a pesquisa. Todas as entrevistas foram realizadas em agosto de 2012.

Rafaela, 27 anos, casada, desde os 17 anos atua como modelo profissional, embora o gosto pelo desfile tenha iniciado antes. Em virtude de seu envolvimento com o ramo, cursou graduação em Moda. Assume ter constante cuidado corporal, não apenas quando sai à noite. Questionada sobre quais as regiões do corpo a que mais dedica cuidados, a resposta é enfática: “*Cuido do visual como um todo. Não cuido só do rosto ou do cabelo. Para a mulher, é fundamental cuidar do conjunto todo*”.

Para compreender os sentidos atribuídos aos fenômenos corporais, Michel Maffesoli (2012) acentua ser preciso considerar que o corpo da modernidade, que só tinha legitimidade para trabalhar — razão pela qual precisava ser domesticado e treinado, pois seu fim principal era o trabalho —, cedeu lugar a outro corpo. No quadro da pós-modernidade, “esse corpo produtivo cede lugar a um corpo erótico. Um corpo parceiro com o qual devemos contar e do qual é bom cuidar” (MAFFESOLI, 2012, p. 65).

Os cuidados corporais de Rafaela fazem com que ela não saia de casa, sob hipótese alguma, ainda que seja para ir à esquina ou à padaria, sem passar rímel. Por possuir pele e cílios claros, ela utiliza a maquiagem para disfarçar a cor natural. A quantidade de maquiagem utilizada vai depender do local aonde ela vai. Na entrevista, ela evidenciou três lugares diferentes, e cada um implica uma forma de se produzir:

Eu acordo, vou para o banheiro, e tal, e me arrumo. Se eu vou ficar em casa, não. Mas, se eu vou sair, eu passo um pouquinho de rímel, mas assim de leve, só pra eles ficarem pretinhos, os cílios. Agora, se eu saio pra uma festa um pouco mais elaborada, então eu passo um pouco mais de massa. À noite, pra uma balada, pra um ambiente mais escuro, e eu quero marcar o meu olho, aí eu passo várias camadas de rímel, lápis preto, sombra (RAFAELA).

Diana, 22 anos, está em um relacionamento sério. Concluindo o curso de graduação, trabalha como secretária e alega não ter total cuidado corporal. Entretanto, não sai de casa sem se maquiar. Com relação ao que está na moda, ela precisa se sentir bem para usar. Não usa determinada roupa apenas porque é sugerida pela mídia. Não sai à noite sem salto e considera a falta dele algo inadmissível para as mulheres. Ao se produzir, gosta de realçar as pernas e a cintura, mas sem usar roupas consideradas de *piriguete*.

Para ela, noite e calça *jeans* não combinam. O *jeans* foi feito para usar durante o dia, no trabalho, para ir à aula, mas não para a noite. Na lista do que é inadmissível para uma mulher que se produz para sair à noite, inclui também: usar a primeira roupa que viu no guarda-roupa, sair sem maquiagem e não corrigir espinhas, quando possível. “*Com a quantidade de informações que se tem atualmente, só não se produz a mulher que não quer*”, diz ela.

Entretanto, essas “regras” podem ser quebradas quando se vai ao supermercado ou à padaria, por exemplo. Continua:

Depende do local que eu vou. Tem gente que não sai de casa sem maquiagem de jeito nenhum. Eu vou ao mercado de moletom, crocs® e blusinha, muito faceira ainda... sem maquiagem e toda descabelada. Acho que tem lugares onde você não precisa estar o tempo todo maquiada. Sabe aqueles dias em que você não está com vontade mesmo, que você está se sentindo bem daquele jeito, e pronto? Mas, claro, não vou pra faculdade sem maquiagem, não vou trabalhar sem maquiagem e não vou sair à noite sem maquiagem, isso é impossível. Ah, mas pra ir ao mercado, à padaria e a uma farmácia, não vejo problema nenhum.

Anita, 25 anos, está em um relacionamento sério e considera-se satisfeita com as formas de seu corpo. Atualmente, não tem vontade de fazer quaisquer alterações. Kursou graduação em Estética e realizou, concomitantemente, uma segunda graduação. Fez mestrado e, no momento, cursa doutorado.

Quando perguntamos sobre a escolha pela Estética, com um sorriso no rosto ela diz: “*fiz Estética para cuidar de mim*”. Passa hidratante no corpo diariamente, faz o possível para diminuir as celulites e controla

as estrias. Mas, ao mesmo tempo, não deixa de comer nada por questões estéticas. Os cuidados corporais começaram cedo; quando criança, a mãe a incentivava a cuidar do corpo. Afirma:

Eu lembro que eu ganhei da minha tia um livro que se chamava "Coisas que toda garota deve saber". Agora tem outro: "Mais coisa que toda garota deve saber". Então eu tinha ganhado aquele livro, e lá dizia os passos pra você tirar uma acne. Coisas assim: "ah, não pode chegar e apertar de qualquer jeito, não apertar com a unha", aquela coisa toda. Então o que eu fazia? Ia à horta, olha que loucura, pegava as folhinhas de hortelã, colocava numa bacia, esquentava água, colocava água quente, colocava as folhinhas de hortelã... A folhinha de hortelã era só pra ficar uma corzinha e um cheirinho mais gostoso (risos), porque eu não aguentava ficar naquele vapor. Eu colocava o rosto assim perto daquela bacia, só no vapor, com uma toalha por cima, porque daí dilatam os poros. Então, pegava a toalhinha de neném, daquelas bem maciazinhas, enrolava no dedo, pra não pegar na unha, e tirava a acne. Assim ela não explodia, não saía estourando toda a pele. Daí tirava tudo bonitinho, passava água na temperatura ambiente, pra fechar os poros de novo, e pronto. Aí passava um creminho. Não podia aparecer uma espinha, que eu fazia isso. Eu aprendi nesse livro. Li no livro e comecei a fazer. Depois eu vi no curso de Estética que a gente não tava errado. Então é legal, é interessante isso (ANITA).

Carol está em um relacionamento sério. Habitou-se a, constantemente, receber elogios por causa de sua beleza. Cuidados corporais, ela tem mais quando sai à noite. Fora desse ambiente, não se considera vaidosa. Reconhece que, se comparada às amigas, quase não tem cuidados corporais. Utiliza diversos truques de sedução. A regra para isso é: evidenciar aquilo que acredita ter de melhor e esconder o que não lhe faz sentir bem. Um exemplo dessa regra é que, por considerar seus seios pequenos, por muito tempo ela usou dois sutiãs para aumentar o volume, além de meia-calça escura, para esconder a cor clara da pele.

Quando sai à noite, faz questão de usar roupas que realcem a cintura e as pernas, pois a *balada*, para ela, é um local de sedução, conquista

etc. As roupas que utiliza para sair com o namorado são as mesmas que usava quando solteira. Questionada sobre o fato de não ser muito vaidosa, atribui isso à sua beleza natural, por não precisar se produzir o tempo todo para se sentir bela. Carol afirma:

Enquanto minhas amigas se preocupavam: “ah vou passar uma maquiagem”, eu pensava com relação a mim: “ah, não, tá bom assim”. Talvez seja autoestima elevada demais (risos). Então eu sempre saía mais tranquila assim, não ficava me preocupando tanto. Mas hoje já não acredito mais nisso, acho que a gente tem que estar sempre se cuidando, sempre maquiadinha. É bonito assim, ver uma mulher bem vaidosa e bem cuidada.

Esses relatos demonstram que o corpo feminino se tornou uma das principais ferramentas de sedução das mulheres, sendo esse um exercício de poder capaz de deslocar o sentido do discurso e os espaços do masculino (BAUDRILLARD, 1991b).

David Le Breton (2012) refletiu sobre a função do corpo no quadro da pós-modernidade. Se, anteriormente, o corpo e sua produção foram vistos como suporte de identidade da pessoa, hoje, assiste-se a uma situação inversa. Tivemos a passagem do corpo como suporte da identidade pessoal para o corpo como pretexto de uma identidade puramente relacional e nômade. Se o corpo determinava uma identidade, hoje, está a seu serviço (LE BRETON, 2012). Com essa transformação dos usos sociais do corpo (MAUSS, 2003), atualmente, a produção corporal encontra uma adesão crescente, pois, assim como os outros produtos, o corpo tem se tornado, cada vez mais, algo descartável.

A partir de Pierre Bourdieu (1999)⁴, é possível explicar a lógica da produção corporal feminina “pela necessidade de agradar”, tendo em

4. Antes de prosseguirmos, é preciso um esclarecimento. Para este estudo, tomamos como referência o Pierre Bourdieu da noção de campo, espaço social e capitais, mas não o Pierre Bourdieu da dominação masculina e da ruptura com o senso comum, tendo em vista seu radicalismo e olhar dicotomizado sobre as relações estabelecidas entre homens e mulheres. No entanto, “justiça seja feita”: o fato de nossas entrevistadas nos conduzirem à não concordância com algumas interpretações desse autor em nada o desabona, nem mesmo retira o mérito desse sociólogo, amplamente utilizado nas pesquisas em ciências humanas e sociais.



PÓS

MULHER

corpo, gênero e sedução

Fábio Lopes Alves


PUCPRESS

Curitiba | 2018